

Público modesto na estreia do festival

Com a percepção de quem há seis anos prestigia o Festival de Brasília do Cinema Brasileiro, a antropóloga Mariana Lopes é exemplo típico do público do evento. "Acompanho as sinopses pelo jornal e vou a todos os filmes que posso. Achei ótimo o fato de publicarem, este ano, a programação. A gente pode sair, no intervalo e comen-

tar as coisas que vimos", explicou ao lado do marido, o espanhol Sérgio García, 35 anos, também antropólogo.

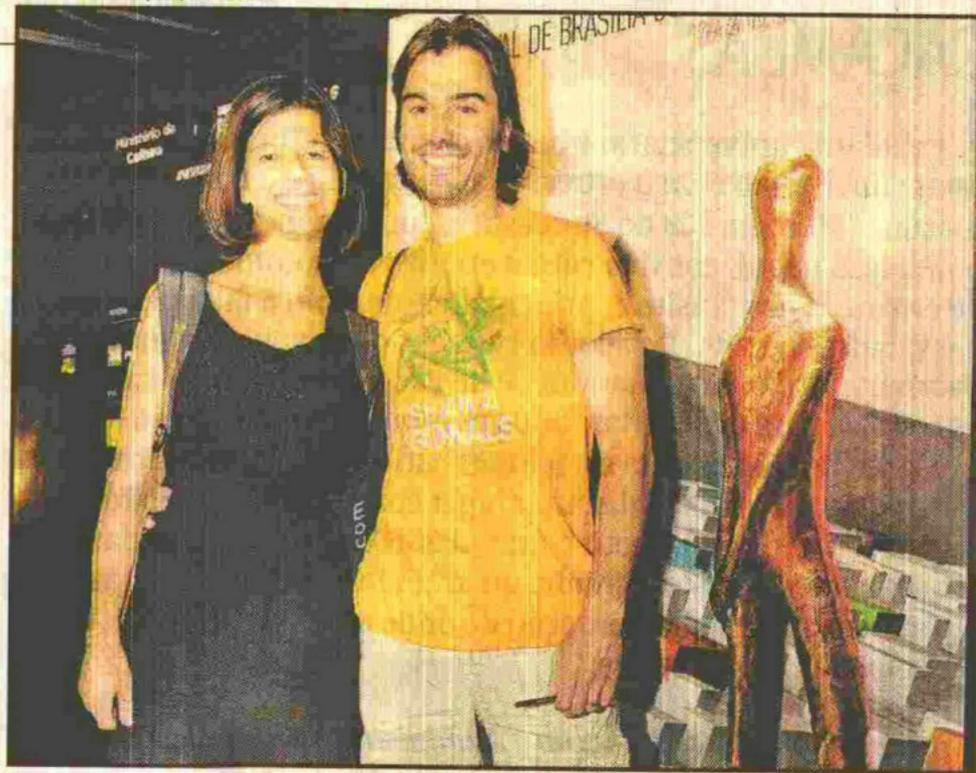
Acolhendo a mostra, de cara nova — com direito a sessão de longas tanto de ficção e de documentários — a Sala Villa-Lobos do Teatro Nacional, na primeira exibição, estava com ocupação em torno de 60%. Segundo a

bilheteria, havia 800 pessoas. Na noite de ontem, foram apresentados os longas *Um filme para Dirceu*, de Ana Johann, documentário paranaense sobre um rapaz do interior que pretende se tornar músico; e *Eles voltam*, do brasileiro radicado em Pernambuco Marcelo Loredello, a respeito de irmãos deixados na estrada ainda crianças e que pretendem seguir em uma jornada em busca do caminho de casa.

Os curtas-metragens foram *Câmara escura*, de Marcelo Pedroso; *Canção para minha irmã*, de Pedro Severien; e a animação

Linear, de Amir Abmoni, exibido na 40ª edição do Festival de Cinema de Gramado (RS). O primeiro trata de uma equipe de cinema que distribui caixas mágicas nas quais se veem cenas do cotidiano de pernambucanos. O segundo curta narra os sentimentos de um presidiário que vai visitar a família. Já a última película conta a história de um ser pequenino responsável por tracejar as ruas de uma grande cidade com linhas que separam as pistas. Relata a monotonia de trabalhos repetitivos no anonimato das grandes cidades.

Janine Moraes/CB/D.A Press



O casal Mariana Lopes e Sérgio Garcia: assíduos na programação